

**“O LEITE QUE A VACA NÃO PROMETEU”:
UMA INTERPRETAÇÃO DE “ALETRIA E
HERMENÊUTICA” DE GUIMARÃES ROSA**

Giselle Bueno*
gimim@uol.com.br

“Até que a luz nasceu do absurdo”
(ROSA, 1968, p. 156)

No primeiro prefácio de *Tutaméia: terceiras estórias* (ROSA, 1968), intitulado “*Aletria e hermenêutica*”,¹ Guimarães Rosa defende ludicamente a ideia de que certo tipo de humor pode funcionar como mediador entre o prosaico e o transcendente. De modo mais preciso, as anedotas de abstração seriam catalisadoras de uma razão mais arejada ou flexível, do alegórico espiritual, do pensamento mágico, do suprasensu, do sublime, enfim, de uma série de noções próximas, posto que não idênticas. De início, importa ressaltar que é um neologismo ou um conceito original que serve de alavanca para a construção da hipótese tutameica sobre o cômico:

* Estas páginas são resultado de meu Doutorado, realizado na FFLCH/USP com bolsa do CNPQ, e de meu Pós-Doutorado, realizado no IEL/UNICAMP com bolsa da FAPESP (processo número 12/50427-8).

¹ Seguirei sempre, para o título do livro, a ortografia rosiana, com acento: *Tutaméia*. Da mesma forma, as citações do texto respeitarão o padrão tipográfico da edição consultada.

A anedota, pela etimologia e para a finalidade, requer fechado ineditismo. Uma anedota é como um fósforo: riscado, deflagrada, foi-se a serventia. Mas sirva talvez ainda a outro emprêgo a já usada, qual mão de indução ou por exemplo instrumento de análise, nos tratos da poesia e da transcendência. Nem será sem razão que a palavra “graça” guarde os sentidos de gracejo, de dom sobrenatural, e de atrativo. No terreno do humour, imenso em confins vários, pressentem-se mui hábeis pontos e caminhos. E que, na prática de arte, comicidade e humorismo atuem como catalisadores ou sensibilizantes ao alegórico espiritual e ao não-prosaico, é verdade que se confere de modo grande. Risada e meia? Acerte-se nisso em Chaplin e em Cervantes. Não é o chiste rasa coisa ordinária; tanto seja porque escanha [= “alarga”, “abre”, “afrouxa”, “quebra”] os planos da lógica, propondo-nos realidade superior e dimensões para mágicos novos sistemas de pensamento.

Não que dê tôda anedota evidência de fácil prestar-se àquela ordem de desempenhos; donde, e como naturalmente elas se arranjam em categorias ou tipos certos, quem sabe conviria primeiro que a respeito se tentasse qualquer razoável classificação. E há que, numa separação mal debuxada, caberia desde logo série assaz sugestiva $\frac{3}{4}$ demais que já de si o drolático [= “que diverte”, “que provoca o riso”] responde ao mental e ao abstrato $\frac{3}{4}$ a qual, a grosso, de cômodo e até que lhe venha nome apropriado, perdôe talvez chamar-se de anedotas de abstração.

Serão essas $\frac{3}{4}$ as com alguma coisa excepta [= “retirada”, “subtraída”, “excluída”] $\frac{3}{4}$ as de pronta valia no que aqui se quer tirar: seja, o leite que a vaca não prometeu (ROSA, 1968, p. 3).

Rigorosamente o que diz o ficcionista é isto: *será anedota de abstração toda aquela em que algo é retirado*. Ora, isto soa mais como paródia da atividade taxinômica. Sob perspectiva classificatória, pouco se esclarece - apesar do contexto de refinado intelectualismo. O critério de distinção, tipificação e ordenação é concebido e exposto muito genérica e sucintamente, revelando-se, paradoxalmente, isento de potencial contrastivo, suscetível de ser reconhecido em uma extensíssima variedade de anedotas. A palavra “coisa”, por exemplo, é de uma imprecisão que tudo e nada designa. Mas, além disso, Guimarães Rosa abstém-se de discriminar analiticamente os três elementos que, *grosso modo*, interferem no processo anedótico: o emissor/humorista, o texto (no caso, escrito) e o receptor. Em qual ou em quais dessas esferas sucederia a tal da abstração? Dá-se ela na mente de quem lê ou de quem bola a anedota? Ou ainda: algo seria retirado no texto? Por exemplo, por alguns de seus personagens, não raro, tipos distraídos, abstraídos. Os chistes e bromas e ditos que o autor dissemina por todo o prefácio, bem como o “*frio exame*” (ROSA, 1968, p. 4) que executa neles, dão margem às três possibilidades, o que torna, repito, plurivalente e intrincada toda a proposição inicial.

Nada disso surpreende verdadeiramente porque toda essa largura de definição, já em si meio infantil e brincalhona pelo que contradiz do propósito delimitador, tem orientação estética; ela dá liberdade à criatividade hermenêutica de Guimarães Rosa: a “*coisa excepta*” pode ser uma ideia, um tema para meditação, uma parte de um objeto, um objeto inteiro, um contexto, um estilo, uma forma ou estrutura, etc. Assim, não se trata aqui, sem mais, do conceito de abstração filosófico e psicológico tradicional, se bem que ele esteja incluído e mesmo em destaque (*vide*, logo à frente, as duas primeiras anedotas). Dito tudo de outra forma: as alogias ou *nonsenses* arrolados em “*Aletria e hermenêutica*” nascem, segundo a proposta chalaceira do prefaciador, de um premeditadamente maldefinido *movimento de abstração* ou ainda *exclusão/ex-ceção em sentido etimológico*; e, a partir daí, de uma série de operações, disposições e situações tomadas, estética, jocosa e livremente, como desdobramentos sinonímicos ou subgenéricos da imagem inicial, aquela da abstração. Tal é o caso, entre outros, da *extração*, da *eliminação* e da *niilificação*, termos que remetem às subespécies mais facilmente identificáveis da “anedota de abstração”, bem como a seus artifícios-chave, de acordo com a leitura do prefaciador (ROSA, 1968, pp. 5, 6 e 9).

Em suma: o discurso rosiano está a léguas da compostura usual das teorias filosóficas ou científicas do cômico. A seriedade aqui é de outra ordem. A voz autoral não possui comprometimento lógico austero com sua teoria - e sim poético. O compromisso do autor com seu ideário é antes estético e translógico que lógico: jogada crucial cujo alvo é o pulo do cômico ao excelso.

As anedotas de abstração são selecionadas - ou, enquanto tais, melhor se diz, inventadas - porque, segundo o autor, provavelmente tocam, de modo mais direto, a ausência de sentido; “*e o não-senso, crê-se, reflete por um triz a coerência do mistério geral, que nos envolve e cria*” (ROSA, 1968, p. 4). Eis aí um dos fraseios mais opacos e espantosos de toda a obra; e, sem dúvida, o paradoxo que exprime a esperança façanhuda que a fundamenta. A fé, a aposta, consiste em que a carência mesma de sentido - a razão de muita angústia - esteja a comunicar, miraculosamente, por um tudo-nada, a coerência do mistério criador e circundante. Possivelmente porque o contrassenso, com seus silêncios e seu nada, é uma brecha que dá ao homem a possibilidade de um livre (e efêmero) contato com Aquele que fabula; a margem para criar(-se) e ser verdadeiramente. É por isso que, se, por um lado, o Guimarães Rosa de

Tutaméia não deixa de horrorizar-se com o absurdo, por outro, também o ama e cultiva.

Rosa disse um dia que o escritor “*deve se sentir à vontade no incompreensível, deve se ocupar do infinito*” (*apud* LORENZ, 1983, p. 89, grifo meu). De modo análogo, exprime no *morceau de bravoure* reproduzido no parágrafo anterior que, por um fio de cabelo, no meio de sua tarefa, de seu existir ao mesmo tempo monótono e sobressaltado, o artista, o homem, vence o medo do absurdo e se abisma alegremente em seu não ser, podendo, a partir daí, operar sua mágica. “Fé é o que abre no habitual da gente uma invenção” (ROSA, 1968, p. 78). A seu jeito, o ironista mineiro está a conceber uma confiança no sentido que nasce do miolo do absurdo. Com efeito, o Sentido não é disparatado em si mesmo e tão assombroso quanto o Absurdo? Dentro da perspectiva do verbo rosiano, pelo menos, haveria algo de absurdo no sentido e de sentido no absurdo, nada que é gérmen de seu contrário. Segundo redige o próprio escritor em “O verbo & o logos”, publicado por Vilma Guimarães Rosa (1999, p. 503): os extremos “já de si sempre se tocam, antes que tese e antítese se proponham”.

Toda essa mirada capaz de transverter admiravelmente o ponto de vista - no caso, do nada para o tudo - será reencenada dos mais variados modos nas estorietas, chistes e ditos do prefácio tutameico; é, na realidade, movimento cardinal do livro: “Salvem-se cócega e mágica, para se poder reler a vida” (ROSA, 1968, p. 140). Ou ainda: “A vida também é para ser lida. Não literalmente, mas em seu supra-senso. E a gente, por enquanto, só a lê por tortas linhas” (ROSA, 1968, p. 4).

De agora em diante, passo, então, a esquadrihar algumas das anedotas de “*Aletria e hermenêutica*”, tendo por bússola o gesto crítico de meditar, de forma concreta, o humor tutameico com base nele mesmo, quer dizer, à luz da teorização elaborada, ficcionalizada, pelo próprio Guimarães Rosa, e da prática artística a ela vinculada. Todo o meu empenho reside em manejar os recursos poéticos para tornar minimamente visível ao leitor a estrutura argumentativa risonha e hermética do prefácio, seu movimento misterioso ou enigmático: do prosaico para o sublime, do não senso para o suprassenso... ou não, porque por ora o que se enxergam são ainda aquelas “*tortas linhas*”. Procuro debruçar-me sobre a heurística rosiana, sobre a bela inventividade da engrenagem poético-retórico-humorística do prefácio, absorvida pelos problemas do paradoxo e do absurdo, e posta a serviço de uma mística e de uma estética do indizível

que, ao fim e ao cabo, parecem estar aí para superar, pelo salto sobre a palavra, esta mesmíssima criatividade hermenêutica.²

Parto de um caso em que o escritor acusa claramente o tópicos alegórico que divisa na piada:

Movente importante símbolo, porém, exprimindo possivelmente $\frac{3}{4}$ e de modo nôvo original $\frac{3}{4}$ a busca de Deus (ou de algum Éden pré-prisco, ou da restituição de qualquer de nós à invulnerabilidade e plenitude primordiais) é o caso do garotinho, que, perdido na multidão, na praça, em festa de quermesse, se aproxima de um polícia e, choramingando, indaga: $\frac{3}{4}$ “Seo guarda, o sr. não viu um homem e uma mulher sem um meninozinho assim como eu?!” (ROSA, 1968, p. 4).

O garotinho transviou-se em espaço público e aberto, que o texto, namorado dos mais delicados contrastes focais, trabalha para precisar e, por meio de um *zoom*, enquadrar cada vez mais àquele que lê: no meio da multidão, na praça, em festa de quermesse, tempo litúrgico. Ao descrever, por sua vez, seu desamparo e perdição, o menino assume não a própria perspectiva, mas a dos pais, de maneira que chacoalha a linguagem comum ou despega, imprevisivelmente, a “*goma-arábica da língua cotidiana*” (ROSA, 1968, p. 4). Ele inverte a relação esperada entre lacuna e completude, perda e totalidade, temática esta assinalável em algumas narrativas de *Tutaméia*. Em duas delas, inclusive, de maneiras diferentes, também se extravia o fruto da carne. Em “*Sinhá Secada*”, um bebê é raptado: “O menino sempre ausente rodeava-a de infinidade e falta” (ROSA, 1968, p. 143). Em “*Lá, nas campinas*”, o personagem principal, Drijimiro, teria sido abandonado pelos pais. Feito, então, “*orfandante*” (ROSA, 1968, p. 85), peleja, em algumas fases da vida, por falar a falta, até que, no instante último da morte, quando a linguagem já não é, regressa ao lugar originário e paradisíaco, o “*Éden pré-prisco*”, de acordo, ao menos, com uma hermenêutica idealista, platônica ou junguiana (PERRONE-MOISÉS, 1998, pp. 179, 183 e 187).

Para retornar à fala infantil do chiste: não é nele, no pequeno, como se vulnerado e vulnerável, que há vazios essenciais. Não é ele que é dono da falta, mas os pais. Não é ele ser privado de sentido, e, sim, capaz de

2. Toda esta exposição introdutória está presente também em um artigo publicado por mim na *Revista Letras* da UFPR, “*Salvem-se cócega e mágica: o conceito de anedota de Guimarães Rosa*” (2013). Nele, examino anedotas diferentes e encaminho a reflexão para outras veredas.

doá-lo. De problema, o garoto converte-se em solução. Mero jogo de palavras? Talvez; a mim, não me parece que o sentimento de perda desapareça como em truque caviloso: a busca continua, apenas ganha orientação nova e positiva.

O olhar inaugural da criança foi capaz de dar movência ao significado da Perda do Pai, transposta a coisa para o plano místico ou anagógico.³ Na busca do “Éden pré-prisco”- argumento *abstraido* da pilhéria -, não apenas a divindade preenche o homem, como também o homem preenche a divindade. “Meninozinho”: é tiquinho, pouca coisa, mas ainda aquilo de que o Absoluto carece. Paradoxo ousado que em muito depende da pessoalização de Deus; por simetria, um Pai sem seu menininho. Essa reconfiguração da matéria desde o meio da perdição se aconchega ao proposto no prefácio, que pretende ver também o copioso no oco. É a virada rosiana, virada tutameica.

Algo parecido ocorre no próximo intertexto:

Entretanto ¾ e isso concerne com a concepção hegeliana do êrro absoluto? ¾ aguda solução foi a de que se valeu o inglês, desesperado já com as sucessivas falsas ligações, que o telefone lhe perpetrava: ¾ “Telefonista, dê-me, por favor, um “número errado” errado...” (ROSA, 1968, p. 5).

O inglês, depois de concluir por iterada experiência que seu aparelho telefônico funciona como infalível arapuca, põe na boca uma solicitação ao mesmo tempo otimista e desesperada que, sob ângulo prático e realista, é pura estupidez. Descobrir a causa e a lógica do defeito e, a partir disso, re-agir é o que determina também a razão.

Se toda piada sagaz dá a sua pirueta, isto é, faz-se toleima e lampejo, “aguda solução” só pode ser fórmula de complexa ironia. Confirme-se. Desconsiderando o expediente ordinário de mandar consertar o aparelho, o inglês empirista, tipo com que a chalaça brinca, põe-se, é presumível, a observar: seu telefone opera como que por uma engenharia do acaso que converte o certo em errado ou o mesmo em outro. De revez em revez, a eventualidade não se pinta tão fortuita assim: o inglês descortina uma racionalidade mínima no maquinismo. Pedir o número absolutamente exato é equívoco absoluto; frustração provada. Requisitar número errado é coisa fora de propósito, porque o aparelho pode transformá-lo em outro engano nada desejável. Resta apenas uma alternativa: esperar, quase

³ Cf. grego **anagw** (*anágo*), “fazer subir”

que irracionalmente, contra toda esperança, e demandar pelo outro do outro, o “número errado” errado, que não corresponde nem ao número pretendido originalmente nem a um número simplesmente falso. O “número errado” errado é aquele que, introduzido no mecanismo, pode transformar-se em verdadeiro. Errôneo atualmente, correto virtualmente. O falso, adjetivando-se a si mesmo, acaba, no fim das contas, por negar-se.

Nesse passo, para conseguir-se o que se quer, deve-se começar pelo que não se quer. O desajeitado empirista desiste de lutar contra o telefone boleado e cisma de vencê-lo a partir de suas próprias ciladas. O primeiro passo é livrar-se da convicção de que precisa discar a informação perfeitamente correta para atingir o alvo. Estimo que por aí se enraíze a menção à temática hegeliana - a *abstração* filosófica do autor. Ela é ativada, antes de qualquer coisa, pelo princípio tutameico de coser aquilo que o senso comum dá por requintada cultura ao que toma por banalidade, no caso, mera caçoada. Afora isso, também para o filósofo alemão, de maneira (comicamente) semelhante, a verdade não é oposta à falsidade: o erro desenvolve-se em verdade sendo “suprassumido” nela no momento positivo da síntese dialética. “Para o idealismo romântico, o Erro é o ‘finito’, o ‘negativo’, o ‘acidental’: o que se destina a ser eliminado e a encontrar sua ‘verdade’ no Infinito, no Necessário e no Positivo da Autoconsciência absoluta. Assim, a rigor, não existe erro” (ABBAGNANO, 2000, p. 342).

Na literalidade das circunstâncias criadas para o chiste, a agudeza do estratagema tem pouca ou nenhuma funcionalidade e está, sem remédio, comprometida. *Abstraindo-se* o contexto, sob alçada alegórica, o método sem método do inglês torna-se mais plausível ou, quando menos, mais rentável especulativamente. Que possa o já intuído pela anedota servir como fermento de meditação: não é outra a proposta do prefácio. O *wit*, para usar uma categoria que é aplicável não só a este, mas a outros pré-textos de *Tutaméia*, já traz em si e desde a origem - segundo uma etimologia fornecida por Arthur Koestler - a marca de um processo imaginativo ou ideacional:

‘Wit’ stems from *witan*, understanding; whose roots go back (via *videre* and εἶδω) to the Sanskrit *veda*, knowledge. The German *Witz* means both joke and acumen; it comes from *wissen*, to know; *Wissenschaft* $\frac{3}{4}$ science, is a close kin to *Fürwitz* and *Aberwitz* $\frac{3}{4}$ presumption, cheek, and jest (KOESTLER, 1989, p. 50).

Enfim, ao contar com o revés da máquina para fintá-la, o personagem (se é que cabe a palavra) desanca a expectativa do leitor e propõe caminho que, num contraste cômico, lembra o método empirista de tentativa e erro (muito contraproducente, pois as possibilidades seriam muitíssimas). O que almeja o inglês é, na verdade, um método de tentativa sem erro: o chute perfeito. Seu pedido, fruto de certo cálculo, é também aposta no acaso enquanto sinônimo restrito de boa sorte. Esta que tende a ser, para o literato mineiro, “resultado lógico do otimismo interior”, conforme escreve em carta para seu tio Vicente Guimarães (2006, p. 156).

Com o exame dos dois primeiros intertextos, já se manifesta ao leitor que a iniciação tutameica ao suprasenso exige algo mais que uma leitura desvendadora. Quero dizer, a interpretação criativa de Guimarães Rosa, que transforma o “mero” chiste em algo mais, que faz o absurdo significar alguma coisa, projetando-se para além de si mesmo, não pode ser o gesto supremo capaz de alcançar o “*perfeitíssimo*”, como ele o anota no final de “*Aletria e hermenêutica*” (ROSA, 1968, p. 11). Entre uma ponta e outra, há de realizar-se um salto.

Por aqui, porém, vai-se chegar perto do nada residual, por seqüência de operações subtrativas, nesta outra, que é uma definição “por extração” $\frac{3}{4}$ “O nada é uma faca sem lâmina, da qual se tirou o cabo...” (Só que, o que assim se põe, é o argumento de Bergson contra a idéia do “nada absoluto”: “... porque a idéia do objeto “não existindo” é necessariamente a idéia do objeto “existindo”, acrescida da representação de uma exclusão desse objeto pela realidade atual tomada em bloco.” Trocado em miúdo: esse “nada” seria apenas um ex-nada, produzido por uma ex-faca.) (ROSA, 1968, p. 5).

No passo de Bergson, aparece a hipótese de que o nada seja construção linguística oca. Para conceber qualquer objeto fora da existência, seria necessário pensá-lo dentro dela e, (imediatamente) depois, num movimento de exclusão; isso tudo já é representação de algo, e de tal modo que, completa o prefaciador, o nada em si mal chega a apresentar-se à mente, restando sempre a imagem da realidade (espaço-tempo) em relação com a ideia de um ex-objeto.

A tais considerações é colado o primeiro subtipo das anedotas, cognominado “*definição ‘por extração’*”.⁴ Na prática, caracteriza-se por uma tentativa de explicação metafórica do nada que elege como

⁴ Cf. ressonância em “Azo de almirante”: “O gênio é punhal de que não se vê o cabo” (ROSA, 1968, p. 24).

comparante uma figura íntegra para depois *abstrair*, *subtrair*, de jeito quase instantâneo, cada uma de suas partes constituintes, até que não sobre forma alguma; ou melhor, na interpretação de um Rosa motivado por Bergson: subsista a imagem de uma ex-imagem (denominada “*ex-faca*”). Esta última acaba por “produzir” (ou coincidir com) um nada residual ou ex-nada. O fato é que uma ex-faca é uma ex-faca; porém, simultaneamente, não é, como diria um bom jagunço mineiro, diabo de trem nenhum. Não é nada, e é também o que foi. Salvo erro meu, ao “trocar em *miúdo*”, quer dizer, num sentido poético retemperante do chavão, ao trasladar a matéria para contexto e forma tutameica, Guimarães Rosa avança a partir dos juízos do filósofo, que, ao menos na citação agregada, limita-se a advogar isto: o nada é um ex-algo. A ideia de “*ex-nada*” já é adendo rosiano.

“O nada é uma faca sem lâmina, da qual se tirou o cabo...” A faca, símbolo da atividade que penetra, modifica e corta toda passividade, é, ao contrário, como que *fatiada*, até acabar em coisa alguma. Quem opera esta *retirada*, esta *abstração*, é o próprio autor do brocardo. Seria ele o Barão de Itararé ou o Apporelly,⁵ conquanto faça parte do acervo do *nonsense* esta tirada lapidar de Lichtenberg, filósofo e aforista alemão: “O machado sem cabo e sem lâmina” (*apud* HUGHES; BRECHT, 1993, p. 23).⁶ Em todo caso, note-se que o não ser não está pronto de antemão; não equivale a um nada eterno. De estatuto diferente, ele é gerado pelo chiste, que, graças ao signo, torna visível ao espírito, inesperadamente, *ex nihilo*, a faca e, todavia, desaparece de igual modo com ela, para, aí, sim, criar a aparição de um nada que antes foi coisa. O ativo, feito matéria passiva, sofre uma aniquilação em boa dose furtada à previsibilidade sucessiva ou linear: não se diz, gradualmente, que o nada é uma faca, da qual se retirou o cabo e, em seguida, a lâmina; mas, bruscamente, que o nada é uma faca logo sem lâmina quando nem se imaginava já se fora o cabo. A instantaneidade da subtração está, sem dúvida, a perseguir a informidade do nada absoluto; como uma faca que não chegou nem a existir: já sem lâmina, desde o início sem cabo. Não obstante, a verdade é

5 A julgar pela minha fonte, que não sei se bate com a de Guimarães Rosa, o escritor mineiro teria alterado bastante a forma original da frase: “*Nada é uma faca sem cabo que lhe falta a lâmina*” (TORELLY, 2003, p. 252).

6 Esta frase, como que um clássico do espírito, é lembrada também, entre outros, por Freud (1993, p. 58) e Robert Benayoun (1977, p. 64), em sua antologia histórica do *nonsense*.

que, uma vez trazido à baila o comparante “faca”, a representação de algo e do processo de nadificação, e não propriamente do nada, é inevitável: aquilo que o leitor visualiza visualiza sempre atrasadamente, em uma série temporal. E mesmo na segunda leitura, prevenida, resta a “ver” o paradoxo de uma faca-que-não-é-faca - fronteira entre ser e não ser, figura e não figura, na qual balança, infinitamente, o pensamento.

A imagem, para alcançar o nada, teria que deixar de ser - por mais rapidamente que *se retire*, é sempre tarde demais; rateia exatamente porque não abdica do que é: busca dar forma ao que não tem forma. No início da oração (“O nada é...”), já está dado o paradoxo, encrave-se, na sequência, o que se quiser. A definição, isto é, a delimitação do nada fere o princípio da contradição e, para uma lógica convencional, está fadada ao fracasso - eis a absurdez (risível) desse dito de espírito. Entretanto, se o louco discurso anedótico não se rende a essa impossibilidade e se aventura a dizer o que não pode ser dito, abraça radicalmente a consequência dessa escolha: não apenas espera, mas espiritualmente opera, para ser bem-sucedido, seu próprio insucesso. Este é que é, em certo sentido, o crivo da eficácia da blague: quando ela ostenta, inalcançável, o nada, está a apalpá-lo, trazendo à tona uma característica que lhe é essencial: sua inabarcabilidade. É assim que, se o *logos* vacila, o *páthos* do texto é poderoso, pois não demonstra conceitualmente, mas expõe pelo sensível da forma; a armação abrupta e, ao mesmo tempo, rodeante procura cercar à socapa o não ser pela imagem e dar-lhe o bote, deixando, ao fim, o leitor azoretado com palavras que remetem, justamente, a coisa nenhuma. Nesse tentâmen de enunciar o que não há, vai abalado um dado imanente das línguas naturais: a pressuposição de que tudo o que tem nome, por exemplo, “faca”, existe (FEITO, 1995, pp. 135-136). Quem lê há de lembrar-se do alegorista do telégrafo sem fio com seu *basset*. Ele, similarmente, põe para tirar, inventa para desinventar (ROSA, 1968, p. 5). Aqui, a linguagem, exibida em sua imprestabilidade conceitual, gira no vazio, barrando ao homem o fundo da ideia do não ser, se bem que ele só esbarre com essa noção por causa da mesma linguagem. Como o próprio chiste, ela tanto tira quanto dá. Tudo isso é causa do livre e angustiado riso tutameico. E não se está muito longe de certa vivência religiosa. A mística, via de regra, origina-se ou situa-se ou consuma-se em uma consciência profunda da inanidade e, ao mesmo tempo, claro, da sacralidade da linguagem.

Já em outro trecho, o interesse do prefaciador volta-se para certo efeito estético de desilusão drástica:

Com o que, pode o pilheriático efeito passar a drástico desilusionante. Como no fato do espartano ¾ nos Apophthégmata lakoniká de Plutarco ¾ que depenou um rouxinol e, achando-lhe pouca carne, xingou: ¾ “Você é uma voz, e mais nada!”

Assim atribui-se a Voltaire ¾ que, outra hora, diz ser a mesma amiúde “o romance do espírito” ¾ a estafalária seguinte definição de “metafísica”: “É um cego, com olhos vendados, num quarto escuro, procurando um gato preto... que não está lá”.

Seja quem seja, apenas o autor da blague não imaginou é que o cego em tão pretas condições pode não achar o gato, que pensa que busca, mas topou resultado mais importante ¾ para lá da tateada concentração. E vê-se que nessa risca é que devem adiantar os koan do Zen (ROSA, 1968, p. 7).

O que é o que é que seria abstraído nesse xingamento de matiz epigramático, isto é, compacto, zombeteiro, conceituoso? Antes de qualquer coisa, as penas do rouxinol (sim, *abstrair* equivale aqui a *depenar*). Depois, já em outro plano, em sentido figurado, todo o seu corpo. O sujeito dessas *eliminações* é um personagem ¾ deixo de lado agora as abstrações do humorista ou do leitor. O severo espartano (mais um tipo, assim como o inglês e a criança) *retira* do pássaro toda a carnalidade e faz sobrar, desvalorizado, apenas um elemento que fica entre o material e o espiritual: a voz. Dito de outra maneira: há duas séries de *exclusões*, e de naturezas distintas: uma denotativa (o pássaro é realmente depenado) e outra conotativa e hiperbólica (pouca carne desliza para nenhuma carne).

É notável ainda que, neste ponto, o prefaciador exterioriza um alinhamento ou filiação genérica de seu texto; mais precisa e modestamente, uma afinidade (que não apaga diferenças) com a tradição clássica do apotegma.⁷ Este, que, a rigor, não se confunde com a anedota,

pode ser definido como um dito memorável (*Sententia*) provocado por uma situação (*occasio*) concreta e, em geral, bastante comum. Tais declarações podiam ser sérias e didáticas, mas podiam incluir uma observação espirituosa, um *bon mot* ou uma pronta resposta (BREMNER ; ROODENBURG, 2000, p. 190).

⁷ Em “*Hipotrélico*”, menciona-se ainda, de modo indireto, em uma citação de citação, o *Nova Floresta* de Padre Manuel Bernardes (ROSA, 1968, p. 67). Neste grande domínio dos apotegmas, das máximas e dos provérbios, não se pode esquecer que também a Bíblia é fonte com que conversa o livrinho rosiano.

Não é somente em Plutarco que os espartanos são associados a esse tipo de discurso. No *Protágoras* de Platão (2002, p. 95), Sócrates recusa o estereótipo do lacedemônio apenas guerreiro e ginasta, inepto para o ócio contemplativo e dele desinteressado, atribuindo-lhe outro característico: a faculdade de lançar projéteis letais (ainda a pugnacidade) por meio de frases prenhes de significado, curtas e concentradas. Os antigos filósofos lacedemônios, como Quílon de Esparta, e, na verdade, todos os sete sábios da Grécia, são representados como especialistas nessa arte, cujos exemplos mais célebres são, sem dúvida, o “Conhece-te a ti mesmo” e o “Nada em excesso”.

Muito da agudeza e do laconismo dessa anedota reside em que nela se encobre uma confluência de mais de um artifício retórico: a referida hipérbole, uma metonímia - o pássaro define-se por uma de suas propriedades, a voz - e uma metáfora: ele é como ela, bonito e sem préstimo para o estômago.⁸ Porém, o que *sublinha, abstrai*, o autor é a desilusão como efeito-impressão das *abstrações* do personagem. De *subtração* em *subtração*, o sujeito desaponta-se com o pouco proveito que lhe trará a carne e menoscaba a voz, signo do imaterial, do belo e do poético. Seu espírito pragmático, para o qual o trinado animal é pura futilidade, contrasta com aquele que inspira este livro tão descarnado que é *Tutaméia*; aqui, o estético é prática privilegiada, e é de tais minigâncias que se vão desenrolando, por contradição, o útil e o interessante. Isto é, subjaz à obra a afirmação dialética da “necessária ‘inutilidade’ da literatura” (BOSI, 2003, p. 282). Não casualmente, em eco desta passagem de “*Aletria e hermenêutica*”, a primeira seção de “*Sôbre a escôva e a dúvida*” rabisca um Guimarães Rosa-rouxinol que é orçado (sob certa visada, por si mesmo, num sentimento de culpa pouco enrustido) como beletrista sem conteúdo sociorrevolucionário; literato devedor de matéria carnuda: “ $\frac{3}{4}$ Você é o da forma, desartifícios... $\frac{3}{4}$ debitou-me” (ROSA, 1968, p. 147).

Para finalizar, acrescento que Cândido Motta Filho, fazendo memória a Guimarães Rosa - em meio a dados biográficos, portanto -, recupera a anedota acima e a compreensão que Guimarães Rosa teria dela:

8 A metonímia apoia-se em uma relação real e lógica de contiguidade; a metáfora, em relação mentada e de comparação (GARCIA, 1988, pp. 93-94). A voz é parte real do todo, o pássaro, e o substitui na oração; por outro lado, há um cotejo implícito e subjetivo entre ambos.

Essa posição anteestórica de Guimarães Rosa no plano da linguagem vinha da sua convicção de que a língua é obrigada a aceitar, nas sociedades cultas, um gramaticismo convencional e com êle aceitar as inovações propostas na chamada “era industrial”. Tinha uma contraproposta das populações incultas, servindo-se de uma linguagem espontânea, que crescia como o mato cresce e se coloria como as flôres, sem pedir licença. Assim Guimarães Rosa colocava o problema na faixa brasileira como ninguém o colocou, certo da função estrutural da linguagem, muito mais importante, muito mais sério do que o problema gramatical. Para êle aquela pilhéria, *plutarquiana*, do rouxinol depenado e de pouca carne, que provocou o xingo “você é uma voz e mais nada”, era uma verdade profunda, porque todos nós andamos à procura de carne, quando o que faz a vida é a fala da vida, como o canto do rouxinol. [...]. Assim, a linguagem acrescida ou despojada é que pode cimentar a independência de um povo, opondo ao universalismo de certas locuções a resistência do localismo impregnado do cheiro da terra e da paisagem (MOTTA FILHO, 1968, p. 140).

Quanto ao chiste seguinte, é de observar que seu criador, supostamente Voltaire, está a *apagar*, a *banir*, a *abstrair* da realidade desenhada uma figura que - erro do cego -nunca está nem esteve lá: o gato, metáfora do Ser. Pode-se sentir a diferença com relação à “*definição por ‘extração’*”. Esta forja o absurdo de uma forma que é e não é, está e não está, e nele se compraz, enquanto a (suposta) broma voltairiana, organizada a partir da oposição realidade x irreabilidade, emite um juízo contra a estupidez risível de concentrar-se, na verdade, perder-se naquilo que não é.

Para traduzir o dito de espírito: no miolo (do nome) da metafísica não há nada. Ela é busca obtusa de objeto inexistente. Aí está a reflexão de volta ao tópico da inutilidade; pouco antes, do belo e da arte, e, agora, de certa filosofia da coisa em si. Nas mesmas imagens confeccionadas pelo gracejo: 1. a metafísica é um cego; 2. de olhos vendados; 3. em quarto escuro; 4. à caça de um gato preto. Estes acréscimos em série de informação estão a serviço da *subtração* total do alvo, até que, finalmente, se dê a *abstração* icônica propriamente dita: o gato... Ops! Não está lá. Engraçado é que, com exceção do primeiro e do último, os demais fatores de embaraço que trabalham para tornar a empreita cada vez mais descabeçada, se tomados literalmente, fazem sentido apenas para quem enxerga. Acumulados progressivamente rumo à escuridão mais inescurecível, não dizem absolutamente nada ao cego. A rigor, só pode atrapalhá-lo sua própria natureza e o fato de o gato não estar lá.⁹ Não que

⁹ Nada se diz sobre o grau da cegueira, de maneira que se tem margem para supor que é absoluta. Afinal de contas, cego é, na compreensão mais geral e instantânea, aquele que não vê.

o sujeito deixe de estar, portanto, em “*tão pretas condições*”, como escreve Guimarães, desconfio, com pitada de ironia; mas é que boa parte da principal estratégia argumentativa dissimula uma duvidosa gradação. A tenção complicadora, que faz rir com o ultracegamento, hiperbólica para efeitos de retórica, torna-se, ela mesma, um tanto ridícula e, aí, perde um pouco de sua força. Isso é possível porque o inventor do motejo concebe um homem privado de vista, mas transfere para ele um transtorno que, em muito, só pode ser o de quem vê; não assume a perspectiva do cego, sua (des)ótica. Tanto é assim que tem visão superior; sabe o que ele não sabe: o gato não está lá. Em certo sentido, é o ponto de vista do cego que é o ponto cego dessa crítica mordaz à metafísica, concebida como ciência de resultados, finalista. Cegueira por cegueira... Eis o vão para a rubrica de Rosa, que mete o bedelho no aposento e imagina e vê aquilo que o autor da blague não imaginou e não viu: quarto sem gato não tem de ser necessariamente quarto vazio; a metafísica ou o objeto que ela descobre, pelo menos para o ironista mineiro, podem sempre ser outra coisa (e ainda mais importante).¹⁰ Também para o cego que não sabe que o gato sonhado não está lá, tateá-lo ainda é uma opção. Ver-se cego é condição para a sondagem. E aí, quando as trevas são aceitas num gesto que já é sinal de deslocação do olhar -da evidência, amiúde, ilusória, para a esfera do invisível -, as surpresas podem dar o ar de sua graça. Por isso, a comparação com os *koans*, em que acontece quebra de expectativa, intermissão do pensamento e súbito despertar:

Para provocar o *satori* o método mais comum é o emprego do *Kean*, que consiste em uma pergunta cuja resposta não corresponde às leis lógicas. O exemplo clássico é atribuído a vários mestres. A um deles perguntaram: “Que é o Buda?”; ele respondeu: “Três libras de linho”. Os comentaristas advertem que a resposta não é simbólica. A outro perguntaram: “Por que veio do oeste o Primeiro Patriarca?”; a resposta foi: “O cipreste no horto” (BORGES; JURADO, 1977, p. 92).

Não que desocupar e esvaziar a cabeça seja coisa simples. É proeza: “homem nunca tem a mente vazia” (ROSA, 1968, p. 169). Como “*no bom*

¹⁰ Ponha-se em paralelo o comentário de Kierkegaard à procura kantiana: “É bem verdade que Kant estacionou nesta coisa *an sich* (em si), mas ou ele persistia infatigável, com a ajuda do pensamento subjetivo, na tentativa de captá-la, e uma vez que era algo impossível, lhe restava a grande vantagem, aliás bastante irônica, de continuar esperando para sempre; ou ela (sic) a rejeitava e tratava de esquecê-la. Quando, ao contrário, quer às vezes mantê-la, ele desenvolve o mítico” (KIERKEGAARD, 2006, p. 93).

circo cabe preencher-se todo pedacinho de intervalo” (ROSA, 1968, p. 153). O sertão é, antes de qualquer coisa, território em que a cachola anda cheia; o estômago, sim, é que vai mais facilmente vazio.¹¹

Enfim, para bulir na blague, o fabulador não teima que o gato esteja lá; cisma, na verdade, que o que se pode vir a achar nesta cabra-cega transcendental não é necessariamente o que se especula; recusa-se a tomar a ausência preanunciada como desencorajamento. “Achar” não significa aqui, obviamente, deparar com a chave conceitual do enigma da existência. Em contextura mais ampla, é possível pôr a troça da metafísica em apenso a outras duas passagens do livro. A primeira delas é uma epígrafe que encabeça “João Porém, o criador de perus”: *“Se procuro, estou achando. Se acho, ainda estou procurando?”* (ROSA, 1968, p. 74). A segunda, também uma epígrafe, consiste em uma citação do filósofo Sêneca:

“Problemas há, Liberális excelente, cuja pesquisa vale só pelo intelectual exercício, e que ficam sempre fora da vida; outros investigam-se com prazer e com proveito se resolvem. De todos te ofereço, cabendo-te à vontade decidir se a indagação deve perseguir-se até ao fim, ou simplesmente limitar-se a uma encenação para ilustrar o rol dos divertimentos” (ROSA, 1968, p. 156).

Terceiras estórias certamente têm maior sintonia com tais palavras ou com o gosto viajero implícito na ideia voltairiana de “romance do espírito” do que com o pendor desistente da última blague - ainda que a aventura ou o périplo seja às escuras, às tortas, às avessas. Tateada concentração.

Nesta linha de raciocínio, e já para encerrar esta breve interpretação do prefácio, vale a pena recuperar o esqueleto argumentativo de *“Aletria e hermenêutica”*, que tem, entre outras, duas passagens cardeais. A referência ao hiato entre o cômico e o excelso:

Por onde, pelo comum, poder-se corrigir o ridículo ou o grotesco, até levá-los ao sublime; seja daí que seu entrelimite é tão tênue. E não será êsse um caminho por onde o perfeitíssimo se alcança? Sempre que algo de importante e grande se faz, houve um silogismo inconcluso, ou, digamos, um pulo do cômico ao excelso (ROSA, 1968, p. 11).

E o final enigmático:

¹¹ Dor de ou na cabeça é *Leitmotiv* marcante de *Tutaméia*, e com um quê de risibilidade: “o corpo todo tinha dor-de-cabeça” (ROSA, 1968, p. 121). Ver pp. 128, 167, 177 e 186.

Veja-se, vêzes, prefácio como todos gratuito.

Ergo:

O livro pode valer pelo muito que nêle não deveu caber.

Quod erat demonstrandum (ROSA, 1968, p. 12).

A tese patente do começo do prefácio é a de que as anedotas, o humor e a arte, porque desapertam as fivelas da lógica, induzem ao espartamento místico.¹² É justamente sua demonstração que põe em movimento o texto e engrena a estratégia de convocar uma fileira de blagues e levantar rastos que se julguem catalisadores do transcendente. Disto tudo se depreende, entretanto, um silogismo dialético ou retórico, cuja primeira premissa, esta sim, pode ser tomada como o ponto de apoio do processo, ou antes, do voo argumentativo de “*Aletria e hermenêutica*”, desde que se pondere, justamente, que é generalizante e insuficiente para dar conta de tudo o que pertence à pirueta em direção do admirável concebida por Guimarães Rosa:

1. O alargamento ou a ruptura provisória da lógica *podem* conduzir a realidades ou formas de existência ou apreensão superiores. 2. As anedotas de abstração alargam ou rompem provisoriamente com a lógica. 3. Logo, elas podem conduzir a realidades ou formas de existência ou apreensão superiores. Em nível concreto, estas “realidades” e “formas” são compreendidas variadamente: sublime, suprassenso, pensamento mágico, alegórico espiritual, transcendência, etc.

O silogismo assume o formato da possibilidade, e não o da certeza, primeiro, porque é recortado de um discurso que, em última instância, enraíza-se na subjetividade e na fé. Confirme-se: O “*não-senso, crê-se, reflete por um triz a coerência do mistério geral, que nos envolve e cria*” (ROSA, 1968, p. 4). Segundo, porque o afrouxamento ou a suspensão da razão podem ser atinentes a territórios outros, embora fronteiriços, como o da loucura, filão também caro ao livro. Terceiro, porque o chiste não impõe, mas propõe à liberdade do destinatário uma nova e outra dimensão (ROSA, 1968, p. 3).

Tudo isso equivale a dizer que, sem embargo todo o cômputo intelectualista, a premissa a partir da qual decola o inventor de “*Aletria e hermenêutica*” não se sintetiza em um juízo racional e empiricamente universalizável. Para admiti-la como verdade (mas não para vivenciar

¹² Os comentários seguintes privilegiam o foro do sagrado, que abarca, mas ultrapassa o filosófico e o estético.

o maravilhoso do cômico), é forçoso crer nela; dar um salto de fé.¹³ Paralelamente, na apreensão dos chistes, a abertura ou rompedura provisória dos planos da lógica não são razões suficientes para o ingresso em cena de outra percepção - *satori*, se se quiser (ROSA, 1968, p. 8). Delas não se segue necessariamente uma incursão no espiritual ou uma captação do invisível. Se assim o fosse, qualquer leitor do prefácio ou do livro sairia deles iluminado, portento que, sou compelida a presumir, não acontece. Aqui também se faz imprescindível um salto - da fé, da liberdade, da consciência ou que tais; sempre com algum empurrãozinho de “fôrças” ou “correntes” arcanas (ROSA, 1968, p. 158).

Sob esse ângulo, “*Aletria e hermenêutica*” nada mais é que um “*silogismo inconcluso*” e uma grande anedota, à espera da catapulta da fé, do solavanco da consciência, da intervenção do impalpável. Por aí também, pela via da assunção dos limites e buracos da malha lógico-inventiva, entra seu componente autoirônico.¹⁴ O sublime leitor que se projeta nas palavras do poeta é, sem dúvida, aquele que, amigo das inquições metafísicas, não apenas acosta o seu barquinho de leitura naquilo que coube na obra, mas também no abismo eterno que ali mal foi descerrado. O prefácio, entretanto, franqueia-se a outros olhares; não é preceptista e confessa a precariedade de sua retórica chistosa - entre a sandice e o *insight*, brincando com ela. No íntimo de “*Aletria e hermenêutica*”, falta uma coisa cardinal: o segredo da passagem do absurdo ao suprassentido; algo como o “Abre-te, Sésamo” ou o pulo do gato, não fosse restrito, lá no fim, o papel da destreza e do saber. Na verdade, quem quer que pretenda encontrar racionalmente a garganta pela qual se imerge no cômico para emergir do excelso não o conseguirá, pois ela é, em termos rosianos, mágica. Daí a ideia crucial de salto, e ainda que a fresta seja da largura de um fiapo.

Se no miolo da argumentação há um oco, é porque ela não desiste de demonstrar o indemonstrável - eis uma pendência incrustada no arcabouço do texto. O ironista é consciente de que abstrai, silogiza,

¹³ Se meu entendimento do prefácio estiver correto, não é preciso que se tenha tido contato com a teoria fabulada nele para que as piadas obrem seu prodígio em virtuais receptores; tampouco que, conhecendo-a, se responda a ela como simpatizante, conquanto este seja, hipoteticamente, mais receptivo aos efeitos pressagiados. Os ditos de espírito teriam o poder de arrastar uns e outros de roldão.

¹⁴ Malha “*para captar o incognoscível*” é imagem de “*Aletria e hermenêutica*” (ROSA, 1968, p. 5).

filosofa e arrazoa sobre o im-provável. Apela o tempo todo para um instrumento, a razão alargada, que sabe não ser resolvente, se bem que, nem por isso, dispensável. Como equacionar hermeneuticamente ou submeter a um teste experimental a concepção de que certo tipo de humor pode funcionar como intermediário entre o prosaico e o sagrado, dentro das balizas de um destrinçamento formal, linguístico, da mecânica e do sentido das anedotas? Como tirar a prova do pinote que leva do simplesmente alógico ao mágico? Ele pode ser, na melhoríssima das hipóteses, encenado ou mostrado (para quem o conseguir ver), mas não de-monstrado. A verdade do silogismo inconcluso de “*Aletria e hermenêutica*” não é objetivamente verificável, pois supõe a imissão de um quê sobrenatural, subjetivo ou não mensurável; só pode concluir tal silogismo quem quer que ultrapasse a razão e experimente o enlevamento.

Até certo ponto, é o sentido inventado, a linguagem, que funciona como mediador entre o não senso e o suprassenso. Mas isto ainda não é *Tutaméia*; resta a passagem não mediada: nada de nada ou tudo; nonada em que tudo se dá. Algo decisivo age misteriosamente ali, naquele meio, naquele hiato mudo entre o desafogo da razão e a iluminação tutameica; não abarcado pela munição retórica e, por isto mesmo, interdito, circun-scrito pelo verbo rosiano. Seria a graça, atuação imponderável, desinteressada e livre do divino.¹⁵ Oculta, apesar de estampada, graciosamente, já na primeira página. Se é pela Graça que se vai da graça à Graça, o prefácio, quando menos, sob certo viés, não passa de um cisco; equivale a uma “baga”, a uma “nica” ou a uma “tuta-e-meia” (ROSA, 1968, p. 166). Repito a citação:

Veja-se, vêzes, prefácio como todos gratuito.

Ergo:

O livro pode valer pelo muito que nêle não deveu caber.

Quod erat demonstrandum (ROSA, 1968, p. 12).

¹⁵ Outras interpretações, não forçosamente conflitantes ou incompatíveis com esta, têm pertinência. Aquilo que não está contido na obra é quase tudo, o próprio infinito, o nada, uma gigantesca incógnita. Este conceito algébrico é importante em *Terceiras estórias*. Como fica à mostra no índice, a organização das estórias segue a ordem do alfabeto (exceto naquele famoso desarranjo que soletra as iniciais do nome do autor). Todavia, o “X”... Ops! Não está lá. Foi *subtraído*, *abstraido*. Não há nenhum título de narrativa que se abra com ele. O desconhecido, o mistério, não é algo que esteja simplesmente in-scrito na letra, no texto; pode transbordá-los ou fazer presença pela ausência.

Aquilo que a obra mais cobiça articular, a paixão pela qual palpita, corresponde, precisamente, ao que ali nem não coube. Fazer caber, aliás, seria sem cabimento; uma negação daquilo que o Guimarães Rosa de *Terceiras estórias* só pode insinuar dizendo sempre de menos. Não “deveu” caber. O verbo acusa a obrigatoriedade (razoável, piedosa) de um impossível, a frustração ou falseamento programados, que são, inclusive, medida do êxito e da verdade alcançada.

Cheio de graça, a seus olhos semimodestos, o prefácio é belo, sublime... e risonho com isto tudo e consigo mesmo. Esta tríade remete às três acepções basilares do substantivo *graça*, “atrativo”, “dom sobrenatural” e “gracejo” (ROSA, 1968, p. 3), indiretamente recuperadas, pela circularidade ou antiperipleia da escrita, na afirmação de que “*Aletria e hermenêutica*” é preâmbulo gratuito. Constituindo-se, mais exatamente, a partir da contradição entre interesse e desinteresse, utilidade e inutilidade, a meditação é gratuita enquanto coisa irônica, destituída de justificação cerrada ou fundamento sólido, e, ao mesmo tempo, enquanto dádiva simbólica ao leitor, quiçá até intermediadora da Graça ela mesma.

No excerto acima, repare-se, de primeiro, no riquíssimo (ou paupérrimo) motivo do (des)valor, primacial em *Terceiras estórias*; depois, na relação de causa e consequência entre os antônimos. Às vezes, a validade deriva da própria gratuidade: o prefácio é *gratuito*, ergo, pode *valer* pelo que não pôde nem deveu fundamentar.

Tudo arrumado não houvesse uma última nota humorística. Em que pese toda essa liber(al)idade e indeterminação, o teor cabalisticamente matemático e a eloquência da medida e do cálculo giram a chave do texto. Ironia? Sim, mas não no sentido de que o que se pensa está claro, pois é o inverso do que se diz. O ficcionista remata com o fraseio pelo qual eram concluídos os raciocínios euclidianos, mais tarde, já em língua europeia, utilizado genericamente “para indicar que aconteceu exatamente o que se previa” (TOSI, 1996, p. 35). No gerundivo, a frase denota, de novo, obrigatoriedade; tradução literal: “o que devia ser demonstrado”. Tem graça... Que diabo foi milimetricamente atestado nesse lacunário que é “*Aletria e hermenêutica*”? Que as anedotas estimulam ou podem estimular a percepção da “coerência do mistério geral”? Ora, para que se atingisse semelhante rigor demonstrativo, seria imperioso aplicar-se a garantir a primeira premissa, explicitada acima.

Salvo engano meu, portanto, o que se afiança nesse estranho prefácio revolvente dos princípios do gênero é a única coisa que realmente poderia e deveria ser afiançada: o ultrassenso não cabe no senso. Note-se, quanto a isso, que a expressão latina pode ser colada ao texto prefacial como um todo, à sua tese medular, ou também, de modo direto, à oração precedente. Ao fim e ao cabo, dá-se um enrosco entre negatividade e positividade. *Quod erat demonstrandum*, fórmula positiva, exhibe-se gravada com tintas negativas: o que está certificado é que nada de substancial foi certificado; o que está validado é que o livro pode valer por aquilo que não foi validado. Esses negativos, por sua vez, não são absolutos ou monocrômicos; são frestas para o seu oposto.

O centro do livro, o que vale, não está lá; se o “fracasso” da (auto) persuasão é, de algum modo, reconhecido pela própria razão como racional, isto, claro, não dilui a problemática do texto, cuja sublime (in) conclusão é apreciada pelo poeta porque ambas, dúvida e fé, querem sair desde a liberdade e encaminhar-se para ela infinitamente. O prefácio tutameico inicia-se, permanece e conclui-se fundeado em tudo, no vazio que é vão para a Graça, e em nada, em toda a gratuidade do pensar, como em um exercício meditativo cuja resposta última está fora da vida e acima das forças da linguagem. Eis aí, nessa alternância, algo da precisa imprecisão da álgebra mágica rosiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução dos novos textos de Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENAYOUN, Robert. *Le nonsense: de Lewis Carrol à Woody Allen*. [Paris]: Balland, 1977.
- BORGES, Jorge Luiz; JURADO, Alicia. *Buda*. Tradução de Cláudio Fornari. Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.
- BOSI, Alfredo. Carpeaux e a dignidade das Letras. In: _____. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2003. pp. 279-282.
- BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (Org.). *Uma história cultural do humor*. Tradução de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BUENO, Giselle. Humor e alegria em “*Tutaméia: terceiras estórias*” de Guimarães Rosa. 2011. 187 f. Tese (Doutorado em Letras) $\frac{3}{4}$ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

- BUENO, Giselle. “Salvem-se cócega e mágica”: o conceito de anedota de Guimarães Rosa. *Revista Letras*, Curitiba, n. 88, pp. 29-48, jul./dez. 2013.
- FEITO, Fernando Romo. *Retórica de la paradoja*. Barcelona: Ediciones Octaedro, 1995.
- FREUD, Sigmund. El chiste y su relación con lo inconciente. In: _____. *Obras completas*. Tradução de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993. v. 8.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 14 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- GUIMARÃES, Vicente. *Joãozinho: a infância de João Guimarães Rosa*. 2. ed. São Paulo: Panda Books, 2006.
- HUGHES, Patrick; BRECHT, George. *Círculos viciosos e infinito*. Tradução de Maria Alice Gomes da Costa. Lisboa: Gradiva, 1993.
- KIERKEGAARD, Soren. *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3. ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.
- KOESTLER, Arthur. The jester. In: _____. *The act of creation*. London: Arkana, 1989. pp. 25-97.
- LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. pp. 62-97.
- MOTTA FILHO, Cândido. O Sr. Cândido Motta Filho [Discursos na Sessão de Saudade]. In: *EM MEMÓRIA de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. pp.140-141.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Nenhures 2: “lá, nas campinas”. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, pp. 178-189, 1998.
- PLATÃO. Protágoras. In: _____. *Protágoras, Górgias, Fedão*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2. ed. Belém: EDUFPA, 2002. pp. 47-123.
- ROSA, João Guimarães. *Tutaméia: terceiras estórias*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- ROSA, Vilma Guimarães. *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- TORELLY, Aparício. *Almanhaque para 1949, Primeiro semestre, ou, “Almanhaque d’A Manha”*. 3. ed. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado, 2003.
- TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1996.